

## Uma cartografia de “A integração do negro na sociedade de classes”, de Florestan Fernandes

Wallace dos Santos Santana Bueno<sup>1</sup>

John Rudega Rocha<sup>2</sup>

Renan Barbosa Pinto<sup>3</sup>

**Resumo:** Florestan Fernandes, em “A integração do negro na sociedade de classes”, apresenta o drama social do negro durante a formação da sociedade de classes no Brasil, isto é, durante o trânsito de uma sociedade rústica para uma ordem urbana e competitiva. O autor busca, neste sentido, efetuar uma análise das tensões que são enfrentadas por esse grupo social na cidade de São Paulo. Uma dimensão crucial para a compreensão da obra é observar a persistência do rural no urbano, isto é, como os valores e comportamentos legados pelo mundo “rural” se reconfiguraram na dinâmica da cidade. Um fenômeno que, para Fernandes, abrange todas as classes sociais e os diferentes grupos envolvidos. Se é verdade que “A integração do negro na sociedade de classes” já conta com muitas e refinadas interpretações, acreditamos que a análise deste livro através do prisma da passagem do rural ao urbano, confrontada com outras formalizações intelectuais desta passagem, poderá fazer avançar nossa compreensão das especificidades do argumento sociológico do autor

**Palavras-chave:** Florestan Fernandes; ordem social competitiva; a integração do negro na sociedade de classes.

### Introdução ao artigo e compreendendo as categorias explicativas Rural e Urbano

O presente artigo objetiva abordar um ponto até então pouco explorado na obra “A Integração do Negro na Sociedade de Classes”, de Florestan Fernandes, que recentemente

---

<sup>1</sup> Graduando em Sociologia, atualmente no 5º período, pela UFF. É bolsista de Iniciação Científica pela FAPERJ vinculado à este projeto em específico, orientado pelo Dr. Antônio Brasil Jr.

<sup>2</sup> Graduando em Sociologia, atualmente no 5º período, pela UFF. É bolsista de Iniciação Científica pelo PIBIC-UFF, voluntário nesta pesquisa e orientado pelo Dr. Antônio Brasil Jr.

<sup>3</sup> Graduando em Sociologia, atualmente no 6º período, pela UFF. É bolsista de Iniciação Científica pelo PIBIC-FIOCRUZ, voluntário nesta pesquisa e orientado pelo Dr. Antônio Brasil Jr.

comemorou seu quinquagésimo aniversário como tese de cátedra do sociólogo da USP. A abordagem que aqui se apresenta, tem o intuito de trazer novas questões para a obra. Isto é, efetuou-se uma leitura analítica minuciosa deste trabalho a partir dos princípios explicativos “rural” e “urbano”, categorias que serão melhores explanadas ao decorrer deste texto. Este trabalho é tanto qualitativo, quanto quantitativo. É correto escrever aqui também, que através destes dois sistemas pode-se compreender a transição da cidade de São Paulo predominantemente rural - calcada no “antigo regime” – para uma cidade de São Paulo florescendo urbanamente – qual a orientação social é baseada em uma “ordem social competitiva”. Através do mapeamento e interpretação dos termos usados pelo autor para caracterizar ambas as categorias, há a possibilidade de maior complexificação da principal tópica em voga quando se estuda esta obra – a as relações raciais e suas discussões. Mas não só, também observa-se aqui os personagens sociais, os agentes detentores de potência política, e como eles se articularam, de forma efetiva ou não, frente à tamanha transição na estrutura social. E um último movimento, que fortalece todo o arcabouço teórico propostos neste artigo, é a mobilização e aproximando da bibliografia usada por Fernandes, o que possibilita maior engajamento com o autor, este que compreendia a sociedade brasileira e agenciava sua sociologia com a militância – como colocado por Gabriel Cohn, ou uma sociologia da práxis – como indica José Martins Souza.

É de extrema importância destacar que as duas categorias articuladas: rural e urbano - a bússola de nossa análise empírica - não são explicitadas pelo autor nos volumes dois volumes que compõe a “A Integração do Negro na Sociedade de Classes”. Ambos são recursos teóricos mobilizados por nós nesta pesquisa, para se abrir e investigar novas perguntas e entendimentos sobre este trabalho em específico de Fernandes. Vale ressaltar que a atual pesquisa esta em processo, “workingprocess”. No presente momento que este texto é redigido, este foi centrado - por ora – ao primeiro volume de “A Integração do Negro na Sociedade de Classes”. E a partir deste material empírico é admissível aqui que a partir deste livro, é possível traçar e produzir panoramas sistêmicos do social e da obra internamente. Desta maneira, para além da exposição dos resultados alcançados, como será feito ao longo do texto - neste artigo também será apontado as reflexões sobre os dados obtidos e as articulações teóricas feitas a partir dos mesmos.

Com o que foi dito acima, F. Fernandes traça seu estudo através de um olhar nuclearmente sociológico. A partir desta perspectiva, o sociólogo paulista observará as

dimensões socioculturais, socioeconômicas, psicossociais e da estrutura e ordem social. Tanto no âmbito rural, quanto no âmbito urbano. Ou seja, Florestan Fernandes aborda tais temas de uma forma sóbria, uma abordagem científica e sociológica – não moralista. Uma última ressalva a ser destacada, as categorias rural-urbano não são apenas panos de fundos, paisagens ou recortes geográficos, estas categorias são princípios explicativos. Princípios estes que conformam por dentro, os próprios personagens do livro: o negro, o imigrante e o homem de negócios. Deste modo, o pensador do Brasil observa da perspectiva do urbano para enxergar o rural.

Adentrando a pesquisa, quando se analisa o eixo rural, o termo mais recorrente é “antigo regime” – com recorrência de 21 vezes no primeiro volume da obra. Quando pensa-se neste termo predominante, observa-se que o rural brasileiro – apesar de ser de uma particularidade tamanha – possui uma estrutura social rígida, onde há pouca mobilidade social nesta. É notável isso, quando coloca-se em prática o recorte analítico proposto por este artigo. Em composição com “antigo regime” há às combinações em menor número com os termos: sociedade de castas; regime escravocrata; configuração civilizatória rústica; estilo de vida pré-capitalista; entre outros. Sendo assim, o rural nacional é calcado em um regime baseado na escravidão, na pessoalidade, na autocracia e patriarcalista. Este é produtor de um estilo de vida específico, produtor de subjetividade dos agentes sociais que é válida para aquele meio.

Na primeira metade do século XX, período histórico em que boa parte do livro de Florestan Fernandes é abordado, marca a transição – a passagem rápida e abrupta de uma São Paulo predominantemente rural para a crescente urbanização e industrialização da cidade. Com isso, o fim da escravidão, o negro deixado ao “léu” pelo Estado, o surgimento do imigrante do além-mar (outro agente social) na cena nacional, a conversão dos fazendeiros em homens de negócios e o emergir de uma nova lógica do trabalho e da vida. Coisa que o negro, ex-escravo, não conseguiu se adaptar efetivamente em seu início – tanto que por este fato, por estarem mais à margem da sociedade burguesa, Fernandes os seleciona para possibilitar pensar os demais grupos sociais que compunham a sociedade brasileira e paulistana.

Adentrando a categoria urbana, Florestan grifa ao longo de sua escrita o termo “ordem social competitiva” para bem defini-la. Este é presente 66 vezes ao longo do texto, nota-se assim, que tal conceito é de extrema valia para o pensamento de Florestan Fernandes. Uma possibilidade de compreensão da “ordem social competitiva” criada e elaborada por Fernandes é que o sociólogo

[...] está pensando o competitivo em termos que envolvem uma referência democrática, eu quase diria uma incorporação pelo viés socialista de certos temas ao pensamento liberal, a saber, uma ordem social em que os mecanismos de organização e funcionamento dos processos sociais asseguram a possibilidade de acesso universal a meios, recursos e instrumentos [...] todos os motivos para ser sensível às potencialidades produtivas da competição e da busca vigorosa, quando não até agressiva, de imposição dos méritos próprios. (COHN, 1986, p. 135-136)

Outras características do urbano que são delimitadas por F. Fernandes e combinam com este são: capitalismo; sociedade de classes; meio urbano; vida social urbana; ordem social democrática; e outros.

Ou seja, quando Florestan observa o urbano em “A Integração do Negro na Sociedade de Classes”, ele aponta o emergir de uma ordem social capitalista, constituídas por classes – que habita a ideia de maior mobilidade nos estratos sociais – característica que difere de uma sociedade estamental e de castas do rural de outrora. A incorporação do regime de trabalho livre e assalariado, indo de ruptura com o antigo trabalho escravocrata. Foi outro ponto voraz na produção de subjetividade e maneira de se mobilizar neste novo cenário, tanto que o sociólogo paulista faz uso do conceito de anomia (usado por Durkheim) muitas vezes – sem uma carga moralizante neste – para expor à inadequação de alguns personagens neste novo estilo de vida.

Algo comum é o equívoco de se fazer a leitura das categorias “rural e urbano” como sistemas que não se combinam. Muito pelo contrário, o rural paulista (e brasileiro por assim dizer) foi de forças e particularidades tamanhas, ainda mais neste período de transição da capital paulista. O que está sendo demarcado aqui, é que o rural se interpenetra no urbano e vice-versa, entretanto neste movimento ambas as categorias preservam suas características particulares. Desta forma, o “rural” e o “urbano” são conflitantes, a tensão existente nestas duas categorias. E é exatamente isto que Fernandes nos escreve, a persistência de um “rural” extremamente forte, que impossibilita em certos aspectos o desenvolver do “urbano” em seus múltiplos aspectos. Isto é notável quando se é analisado a situação dos personagens nesta São Paulo em construção – como será abordado mais a frente neste artigo.

Desta maneira, é possível compreender como neste presente artigo são articuladas as duas noções, a de rural e de urbano, e suas particularidades analíticas e teóricas. E utilizando essas duas categorias analíticas, como escrito anteriormente, abre-se a possibilidade de complexificação das questões raciais presentes nas obras, mas não só limitando à elas, certamente as ultrapassando. Florestan Fernandes conciliou muito bem o rigor metodológico e científico da academia, combinando essa qualidade com a militância e prática civil. Esta

ultima afirmativa é corroborada com o fato deste trabalho e estudo de Fernandes em específico, para além de ser sua tese para defesa de cátedra na USP, também foi uma iniciativa da UNESCO qual o sociólogo fez parte para analisar as condições sociais no Brasil (MAIO, 1997). Somando a colaboração de seus informantes negro, intelectuais ou militantes dos movimentos sociais negros, que auxiliaram enormemente na confecção desta obra exemplar em muitos aspectos (SILVA, 2013; CAMPOS, 2014).

### **Personagens e as múltiplas facetas do desenvolvimento**

No livro "A integração do negro na sociedade de classes" de Florestan Fernandes, mais especificamente no volume I, o autor vai caracterizar a vida do negro no Brasil após o regime escravocrata e senhorial observando atentamente todos os elementos desta transição como o destino do negro, o negro no mercado de trabalho, a participação do negro na sociedade, e a sua "integração na ordem social competitiva".

Nesta análise vale destacar também a presença de outros personagens, isso refere – se ao fazendeiro e ao imigrante, que somado ao negro, compõem a estrutura social de época (BRASIL JR, 2010). Com a alforria do negro o fazendeiro viu-se livre das obrigações e das responsabilidades do liberto, atrelado ao total desinteresse de outras instituições, como o Estado e a Igreja, sem ao menos ofertar ao negro um tipo de preparo para esta nova forma de vida que se iniciava.

A preocupação do fazendeiro tinha agora um novo rumo, sua total atenção estava voltada para sua família e a forma com que tinha que gerir todo o seu trabalho para que tivesse uma boa produção em larga escala para obter um alto lucro em seus negócios. Já não podendo mais contar com a mão de obra negra em suas lavouras, a solução foi importar a mão de obra Europeia, gerando concorrência e um alto prejuízo a vida do antigo escravo, agora um homem liberto (o negro). O fazendeiro só estava preocupado com os lucros e o suposto desenvolvimento de suas terras e a sua entrada na nova situação da economia brasileira, tais alternativas tomadas pelo fazendeiro de fato só arruinaria ainda mais a vida do negro.

O negro "abandonado a mercê da sua própria sorte" agora tinha de competir com os imigrantes Europeus as vagas dos chamados trabalhos nacionais, ou seja, se tornava mais difícil o acesso a estes postos de trabalho que outrora era totalmente monopolizado pelos negros. Florestan Fernandes de fato conseguiu elucidar todo este drama do negro e o pleno

desamparo das instituições brasileiras desencadeando uma gama de adversidades e as inúmeras influências negativas no início desta ordem social competitiva ao qual o negro não se inseria. A partir da leitura de Fernandes, pode-se destacar, dentre os efeitos negativos, três ao todo assimilados a cena paulistana.

O primeiro deles se remete à expansão urbana de São Paulo, economia de exportação colonial tardia, a derradeira do regime escravocrata, pouca diferenciação da esfera dos serviços e os trabalhos livres. Em poucas palavras, observa-se a transição de muitos aspectos do “rural” que se expandem ao “urbano” em desenvolvimento, o que nos remete ao próximo ponto. Assim, em segundo lugar, o liberto não ascende aos postos de trabalho livre, os fazendeiros migram para a capital acentuando as diferenças do estilo econômico, a competição de imigrantes e negros aos postos de trabalho. Ou seja, até os trabalhos mais simples eram concorridos, além da monopolização do comércio pelos brancos (ponto de ascensão, fortuna). Pela a explanação este quadro, compreende-se o porque dos negros permanecerem estagnados no interior da ordem social competitiva, esse deslocamento social enfrentado pelo “homem de cor” frente aos demais personagens. Em último lugar, o terceiro ponto aqui agora colocado, o liberto não era absorvido imediatamente na sociedade paulista e/ou brasileira. São Paulo torna-se um centro burguês e o negro, no papel de “agregado”, até então era “protegido” por certas famílias tradicionais, quando este personagem viu-se em meio à urbanização, seu ajustamento à vida urbana era de fato difícil devido seu passado e atual posição marginal.

Por outro lado, os imigrantes europeus tiveram mais sorte do que os negros, muitos deles tiveram de fato uma notável ascensão pós sua chegada. Alguns faziam economias de tudo o que ganhavam na lavoura a fim de voltar para seu país de origem e recomeçar suas vidas abrindo o próprio negócio, outros imigrantes tiveram a tão sonhada prosperidade aqui mesmo no Brasil, como comerciantes, empresários e produtores. A nova ordem social competitiva também chamou a atenção do fazendeiro, muitos deles tornavam-se empresários mesmo que ainda ligados aos trabalhos do campo.

Segundo Florestan Fernandes, "o trabalho livre corrompeu a ordem escravocrata" (2008, p.52), o liberto foi substituído pelo imigrante nas lavouras e os mesmos imigrantes eram seus concorrentes na ordem social competitiva, de fato estes elementos só prejudicam a vida do negro e em muitos casos seus laços com a terra eram fortes demais impedindo exercer diferentes funções nesta nova ordem, devido a sua dedicação integral a vida na lavoura e aos

serviços braçais. Com tanta negatividade a vida do negro na ordem social competitiva beirava o pauperismo e outras nuances ainda mais dramáticas como por exemplo: a repressão, vícios, abuso, violência, prostituição, prisão, doenças, desemprego, miséria, fome, violência policial por motivos fúteis, associado ao pensamento do negro ser malandro, vagabundo, criminoso.

Mais alguns negros conseguiram acesso a postos de trabalho como motorista, investigador de polícia, comerciante, funcionário público, empresário e etc. A burguesia paulista tinha personagens diferentes além do fazendeiro acostumado com tal estilo de vida, os imigrantes e os negros também desfrutaram deste status, podiam frequentar os grandes bailes da capital com toda a luxúria que outrora ouviram falar. De fato, a elite negra apresentou um diferencial como relata Florestan Fernandes. Em linhas gerais, estes não tinham grandes pretensões, apenas queriam ser elite e nada mais desfrutar de uma boa vida – até então, neste primeiro volume em análise.

Tudo isso de fato implica num isolamento do negro e do mulato gerando pauperização, anomia social e uma série de combinações que desenvolveram uma forma de "desajustamento" de modo econômico, social, cultural neste amplo fundo de pano "históricossocial" brasileira.

### **Estudo da bibliografia em *A integração do negro na sociedade de classes (vol. 1)***

O estudo feito através do levantamento quantitativo de obras e autores citados na bibliografia de “A integração do negro na sociedade de classes (volume 1)” tem como finalidade abrir novas chaves de pensamento, pesquisas e perguntas tanto do pensamento de Florestan Fernandes, como do próprio assunto do qual se trata nesta monografia científica. Como é sabido, ela tem um caráter de explicação sobre a desigualdade racial, ou seja, o racismo no Brasil, porém há outras facetas que o livro também contém como o desenvolvimento do Brasil naquela época através das dinâmicas da sociedade focadas em três personagens: o negro, o imigrante e o fazendeiro/homem de negócios. E através do estudo da bibliografia, podemos então perceber quais foram os referenciais que o autor utilizou para abordar, analisar e dar explicações a alguns casos dentro do livro. Mas não é somente que se resume isso o levantamento quantitativo da bibliografia, pois ela nos permite pensar se há uma relação no jogo de palavras do autor com os seus referências teóricos, ou seja, ver de que maneira se manifestam em seu estudo do livro, esses autores e obras citados na bibliografia.

O levantamento da bibliografia final do livro teve uma separação de grupos dos autores citados nos seguintes conjuntos: autores mais citados, ensaístas, cientistas sociais, assistentes e alunos, sociólogos clássicos, intelectuais negros e cientistas sociais internacionais e outros. A finalidade desta separação foi de poder analisar quais novas perspectivas podem ser abertas para examinar o pensamento de Florestan acerca do livro, quais questões surgem destes dados, uma tentativa de ver a importância dos autores no pensamento de Florestan Fernandes e seus pontos de conexões.

Entre os autores mais citados são: Samuel Lowrie; Louis Couty; Giorgio Montara; o próprio Fernandes; e Roger Bastide. Não há muita surpresa ao se deparar com o nome de Roger Bastide entre eles, visto que este foi o orientador e mestre de Florestan, e o integrou a pesquisa sociológica do negro na sociedade de São Paulo, portanto, sendo assim, uma das referências teóricas e empíricas utilizadas por ele na pesquisa. Um dos pontos interessantes desse grupo foi o aparecimento do ensaísta francês Louis Couty, que tem em seus escritos relatos sobre a escravidão e o Brasil em geral. Outro autor bastante citado e que serviu de base para Florestan Fernandes foi Samuel Lowrie que tem em sua obra pesquisas e livros sobre o negro e a cidade de São Paulo, que são os mesmos objetos abordados por Florestan em seu livro, podendo assim abrir novas chaves de análise entre esses dois autores, tanto em método comparativo como em outras vias. Um destaque desse grupo fica por conta do aparecimento de Giorgio Mortara (demógrafo, estatístico e economista italiano) entre os autores mais citados por Florestan, e os dados utilizados por estes se referem aos estudos de Mortara em relação à demografia de diversos lugares do Brasil, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, portanto, tendo talvez este autor uma importância crucial na análise e pesquisa quantitativa encontrados no livro de Fernandes. E por fim, cabe notar o grande número de notas e observações do próprio Florestan Fernandes, isso em relação a suas concepções de determinadas situações na pesquisa. Ou seja, em relação as pesquisas feitas a indivíduos negros que formam parte do seu objeto de estudo, fazendo destes parte de seu método qualitativo de pesquisa, completando então e constatando como os dados de Mortara são compatíveis com suas pesquisas qualitativas de campo.

Os temas mobilizados por Florestan nesta sua pesquisa sobre o negro na sociedade de classes, na cidade de São Paulo, se encontram anteriormente no grupo de ensaístas mobilizados por ele, portanto, mostrando certo domínio dos intérpretes do Brasil anteriores a ele. No livro o autor discorre desde a época da escravidão, até sua abolição e chegando enfim



a São Paulo da década de 1950, e entre esse espaço de tempo ele utilizou Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr., Alfredo Ellis Jr., Visconde de Taunay, Joaquim Nabuco e Perdigão Malheiros para lidar com os temas da desigualdade social, racismo, de como se deu o pensamento do fazendeiro e sua transição para o homem de negócios da cidade. Nesse levantamento, o interessante foi que não se constata alguma citação bibliográfica sobre Gilberto Freyre, mesmo que em alguns pensamentos, esse estudo de Fernandes foi um diálogo com Freyre para poder desmentir a tese da “democracia racial” no Brasil.

Florestan Fernandes também soube utilizar as pesquisas e estudos de cientistas sociais de seu tempo para poder ter sua base de pesquisa ainda mais consolidada. Além de Roger Bastide, que foi bastante utilizado como sabemos, encontram-se outros colegas de profissão da USP ou de outras universidades. Entre eles, Florestan cita Darcy Ribeiro, Vitor Nunes, Paula Beiguelman, e brevemente, em anotações, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Antônio Candido. Porém o autor não utiliza somente estes cientistas sociais, ele utiliza os americanos Richard Morse, Donald Pierson e Samuel Lowrie. O primeiro com seus estudos sobre o desenvolvimento da sociologia na cidade de São Paulo e sobre a própria cidade; o segundo com seus estudos sobre Brancos e Pretos da Bahia - portanto, percebendo que Florestan se preocupava em fazer estudos comparativos entre São Paulo e os demais lugares do Brasil; e o terceiro sobre seus estudos sobre negros e imigrantes em diversos aspectos relacionados à sociedade, principalmente na cidade de São Paulo, onde Florestan fez seus estudos de campo.

No levantamento da bibliografia nota-se citações recorrentes tanto dos seus assistentes de pesquisa, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni e Renato Jardim Moreira, como de seus colaboradores intelectuais no meio negro, como José Correia Leite e Raul Joviano Amaral. Em relação aos seus assistentes, Florestan move a pesquisa e livros destes para poder ampliar e, talvez, atualizar alguns conceitos e reflexões sobre o tema. Os intelectuais negros, o autor ou utiliza suas entrevistas, ou seus jornais que eram praticamente a expressão dos pensamentos destes autores negros.

Por fim, o último grupo que foi selecionado foram os dos cientistas sociais internacionais e outros. Outros no sentido de que com esse levantamento, confirmou-se que Florestan utilizou pensadores que vão além das ciências sociais, como biólogos, matemáticos, e estudiosos do direito em relação a atuação do Estado. Somente um sociólogo clássico foi mencionado, e apenas uma vez, e foi Émile Durkheim, porém Robert K. Merton foi mais

utilizado, podendo assim abrir novas questões sobre o pensamento de Florestan por ter utilizado um cientista social que utiliza Durkheim de uma forma mais atualizada e a sua maneira, e podendo pensar como o autor relaciona com seu conceito de anomia dentro da sociedade de classes. Um fato interessante foi o de Fernandes mencionar um biólogo evolucionista russoamericano, Theodosius Dobzhansky, que tem em seu trabalho pressupostos biológicos sobre a liberdade humana, e o mais interessante de tudo, é que o autor nos diz em uma nota que se encontrou e conversou pessoalmente com Dobzhansky. O matemático utilizado por Fernandes se chama Paul Halmos, que tem como seu trabalho matemático as fronteiras do ajustamento da normalidade, e fica a pergunta do porque Florestan ter utilizado ele em sua bibliografia, abrindo assim uma nova chave de leitura deste autor. Percebeu-se nesse levantamento que o autor também utiliza autores que mesclam psicanálise com sociologia, no caso, Erick Fromm, da escola de Frankfurt. É notável que o autor mobiliza diversos cientistas sociais, um deles que se destaca é Wright-Mills, mostrando o lado interessado do autor com a observação participante. Como o livro de sua pesquisa é sobre o negro na sociedade de classes, e como uma leitura através dele, pode então se entender toda a sociedade, não somente no quesito racial, Florestan tem em sua bibliografia dois autores que podem abrir novas chaves de pesquisa. Ele utiliza Patterson, um autor que estudou a cor e a cultura na África do Sul, e utiliza Edward Franklin Frazier, sociólogo negro formado em Chicago que tem diversos trabalhos sobre o negro na sociedade americana, utilizando o método da escola de Chicago junto ao funcionalismo. Portanto, nota-se que o autor utilizou uma base de informações do negro tanto nos países desenvolvidos, quanto em semelhança ao Brasil, no caso, África do Sul, abrindo assim outras questões acerca desses levantamentos. E por fim, a utilização por ele de Oliver Cox, que tem em sua pesquisa e estudos, Castas, classes e raças nos Estados Unidos, portanto, pode-se abrir questões acerca de se esse autor teve algum impacto para Florestan na sua colocação aqui no Brasil acerca da sociedade estamental e de castas, que ele elaborou.

Portanto, através desses grupos podemos perceber como é importante fazer um levantamento quantitativo dos autores assim mencionados na bibliografia, e com isso abrindo novas questões sobre o autor, seu estudo e etc. Porém, cabe a interpretação e conhecimento de cada uma acerca dos temas presentes nesses autores contidos nesses grupos, para poder se avançar nas chaves e questões que irão surgir. Esse estudo por enquanto é somente do primeiro volume de “A Integração do Negro na Sociedade de Classes”.

## Conclusões

Retornando à figura do negro que foi construída historicamente, numa abordagem que reconstitui desde os seus condicionantes estruturais até alcançar a configuração psicossocial desses indivíduos, Fernandes procura abordar a “integração do negro na sociedade de classes” através de uma perspectiva multidimensional. Assim, o autor mostra como os negros deixaram a condição de escravo para se tornarem homens livres, porém sem conseguirem se localizar nas posições estratégicas da ordem social urbana, uma vez que não contavam com uma socialização “adequada” à nova dinâmica social – no fundo, estariam aferrados a uma cultura “rústica” legada pela própria herança da escravidão. Além do despreparo para o mercado de trabalho, os negros também sofreram a competição com os imigrantes europeus, já (razoavelmente) socializados nas técnicas sociais necessárias para o mercado de trabalho livre.

## Referências:

ARRUDA, M. A. N. Florestan Fernandes. Vocação científica e compromisso de vida. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRASIL JR., A. O imigrante e seus irmãos: as pesquisas empíricas de Florestan Fernandes e Gino Germani. In: Lua Nova, v. 82, p. 1-11, 2010.

CAMPOS, A. J. M. Interfaces entre sociologia e processo social: A Integra o do Negro na Sociedade de Classes e a pesquisa UNESCO em São Paulo. UNICAMP: 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000928554>>.

COHN, G. Padrões e dilemas: o pensamento de Florestan Fernandes. In: ANTUNES, R.; FERRANTE, V. B.; MORAES R. (orgs.). Inteligência brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FERNANDES, F. A integra o do negro na sociedade de classes (1  vol.). São Paulo: Globo, 2008.

\_\_\_\_\_. A integra o do negro na sociedade de classes (2  vol.). São Paulo: Globo, 2008.

MAIO, M. C. A História do Projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil. In: Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos, Vol.5 no.2. Rio de Janeiro, July/Oct. 1998.

MARTINS, J. S. Florestan – Sociologia e Consciência Social no Brasil. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1988.

RICUPERO, B. Sete lições sobre as interpretações do Brasil. São Paulo: Alameda, 2007.

SILVA, M. A. M. A descoberta do insólito: literatura negra e periférica no Brasil (1960-2000). 1.ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.